

MÃE KATIA : Bem, aqui a minha mãe, a gente frequentava a praia da Tapera, porque o meu tio tinha uma casa de praia lá, irmão do meu pai, um dos mais velhos. E uma prima também, que ainda era mais velha do que meu pai também tinha uma casa ali na praia e de vez em quando a gente vinha para cá desde criança. E a minha mãe teve uma ideia, teve um sonho, uma vez que ela se via numa casa, numa janela, e ela olhava e tinha um morro. E daí ela caminhando, viu esse espaço aqui, caminhou pessoal passou estranho, ela estava no meio do mato. Ela olhou para o morro e disse “morro do meu sonho, quero esse terreno”. E daí começou uma coisa, e dali eles fizeram um jeito de comprar. Enfim, eu era bem jovem, não lembro, devia estar com uns 10 ou 11 anos de idade. E ela comprou isso, construiu primeiro um ranchinho. E ali, com esse ranchinho, tinha a dona Leta que é a tia da mãe Lenir. Que recebia uma entidade, que corria atrás do povo, queria sugar o sangue do povo. Eu não sei se era porque ela estava com raiva e essa entidade vinha para defendê-la de alguma coisa e daí trouxeram ela aqui para conversar com a preta velha da minha mãe, né? Minha mãe disse, “não, vem, vem” e trouxe ela lá na casa. A casa era bem pequenininha e daí nesse dia ela já recebeu o preto velho, que o preto velho já se encostava nela e ela benzia muita gente aqui na Tapera, essa senhorinha a dona Leta de Xangô com Nanã, e daí o que aconteceu? Ela passou a estar aqui sempre com a minha mãe e as 2 ali, a minha mãe foi educando essa mediunidade dela, porque é uma mediunidade que não estava educada e ali a vó Sofia e o pai Antônio, começaram a atender o povo. E daí de um quartinho pequenino, aumentaram o quartinho. Depois aumentaram mais outro quarto e daí fizeram um ranchinho aqui fora, bem pequenininho. E ali começou a vir pessoal da comunidade, e isso nós estamos falando que esse ranchinho que eles começaram a atender já a maior parte da comunidade já foi de 1972. Porque encontramos um documento agora há pouco tempo que um delegado assinou um documento dizendo que a casa estava em funcionamento desde 72, e ele assinou o documento em 86. Vê, então é como era para mim, era a casa de praia, a mãe vinha muito para casa, a gente estava em escola, estava não sei o quê, né? E, às vezes eu ia para a outra praia, para outra parte da família, mas elas tinham essa a questão. Daí começaram a vir algumas pessoas aqui dessa região a se desenvolver aqui. Então tem várias pessoas assim, mais antigas, como a Rita tinha a Lúcia, né, Darcy que é filho do filho da dona Leta? A Dagmar era filha também da dona Leta. Daí essa minha prima e o meu primo que tinha casa de praia aqui também começaram a vir porque eles também tinham uma mediunidade que é kardecista, mas as entidades deles de umbanda começaram a parecer e daí eles começaram a vir para cá e daí aquilo começou a ficar um pouco pequenininho para eles, daí eles aumentaram mais um pouquinho. Nessa época, minha avó já tinha casa de umbanda lá no Estreito, né? Só que eles não estavam assim tocando mais, ela estava aberta, então tinha os atendimentos de preto velho, mas atendendo mais a comunidade. É seções, festas essas coisas ela por causa do coração ela foi parando um pouco de fazer atividades maiores. E em 1980, minha avó falece. E daí tinha todas essas imagens. Daí como a mãe comprou aqui, não tinha como levantar dinheiro e comprar lá a casa da minha avó, da parte da herança dos outros tios, né? E daí eles venderam a casa e ela pegou e trouxe tudo para cá. E daí eles tiveram que aumentar um pouco. Eles aumentaram, mas não deu nem a metade daqui do terreno. Daí começaram a reconstruir. Daí fizeram aqui da parede o altar para cá. Eles fizeram até onde que era o início da casa das Almas. Então essa parte toda ficou construída. Bem, com o decorrer do tempo, começou a aparecer filho de Santo e tal. Daí a casa da canjira tanto a canjira de Exú quanto a canjira das Almas estavam muito pequenas para as obrigações. Tinha a época que tinha as festas de agosto para pomba gira e junho para Exú e não tinha mais onde botar os padé de tanta, tanta falta de espaço assim, ficava bem aqui na rua e tal. Nessa época eu já estava, inclusive no Santo vinha para cá ajuda-los, e daí a minha mãe com seu Tranca Rua que chegou disse “tem que aumentar essa casa” e tal, e daí eles

aumentaram. Criaram uma canjira de Exú que é um pouco maior, e ampliaram com isso a casa das Almas. Então aquele cantinho hoje que está ali a vó Sofia antes era canjira de Exú aberta para o lado de lá. E a casa das Almas ainda era pequenininha, né? Era menor até, ela era meio dividida. Daí aumentou, depois, quando a minha mãe foi fazer as obrigações dela de 14 anos, ela precisou ter um quarto de santo por causa do assentamento de Iemanjá e de Ogum e etc. E daí com isso, ela ampliou a outra parte, ela fez um quarto de Santo para ela, a parte do cambone ficou um pouco maior agora eu diminui também. E teve e daí a camarinha também ficou uma camarinha aqui que a gente dizia que era 4 de 5 estrelas, porque normalmente as camarinhas tudo apertadinha, não é? E daí acaba por ficando uma camarinha grande. Agora eu abri o quarto de Santo, abri tudo, eu tenho que mostrei e fiz um espaço maior. Porque como eu optei em não atender aqui o quartinho que era da vó Sofia, não me senti confortável usar esse espaço sagrado dela e ampliei a assistência daí eu passei a atender aqui atrás também, as pessoas, a orar, etc. É não com entidades assim, né? E também começamos a fazer um trabalho de reiki aqui na casa. E daí a gente começou a usar o espaço para fazer aplicação de reiki. Quando eram mais os filhos de santo, quando vinha pessoas daí já que não era dos Santo, então a gente trazia as macas para cá, né? E os atendimentos são aqui no salão da parte de reiki etc e tal. A parte daí que assim, desde 95 eu trabalho com terapias e Cristais florais, anestésias, etc... E daí a gente abriu um espaço lá na casa para fazer esse tipo de trabalho. Daí o Reiki foi para lá, saindo da casa de Santo. Daí agora um dos proprietários da casa precisou vir morar para cá, acabou com o nosso espaço. Estamos voltando aqui para dentro. Então a gente vai trabalhando com o território, é espacial, assim, de acordo com aquilo que a gente vai executando, né? E a cozinha de Santo também, a cozinha de Santos era bem pequenininha e de acordo com a necessidade, ela foi se expandindo, sabem? Foi expandindo. Está enorme, agora quase uma suíte. E assim foi construída essa casa, né? Lógico, sempre com a ajuda da comunidade em geral, né? Porque não se tem dinheiro para fazer isso, então a gente tem livro da primeira construção mesmo, tem um livro, ou que várias pessoas assim, tipo o Conviana deu dinheiro, a Ângela Amin deu dinheiro, Esperidião Amim, está no livro, que tem das pessoas que ajudaram uns ajudaram com 1.000 reais, sei lá, não era reais na época. Nem lembro qual era a moeda. Mas outro 20 pila, outro 50 mas tá tudo no livro seja colaboração de 1 real a forma que for mas está tudo, né? Foi registrado assim pela minha mãe. Então foi assim que foi sendo construído aqui, né? E como a minha mãe começou com a Umbanda de 7 linhas, essa época ela atendia só com essa parte da umbanda mais simples, né? Eu digo assim, porque não tinha os assentos no chão, essas coisas. Quando a minha avó faleceu em 1980. Daí, em 1982, com a abertura da casa da mãe Ilka de Iansã da Santa Rosa de Lima, a minha mãe daí tomou obrigação de Iyalorixá de Almas Angola, lá na casa da mãe Ilka e a mãe fez o assentamento dessa casa da. E daí onde que em 83 foi feita a inauguração através do ritual de Almas e Angola em 84, daí ela fundou a associação já com esse nome, Associação Beneficente de Terreiro de Umbanda Reino de Iemanjá para preservar, o primeiro estatuto está lá, que tem a casa de Santo e o museu. Já para preservar essa questão histórica da avó, então, já naquela época minha mãe já pensava nessa questão do resguardo, né? Da história em si da tradição, né? Enfim.

CAROL CARVALHO: E aí pensando, esse memorial, né? Qual é a importância dele assim, dentro de uma casa de axé? Porque assim é a primeira vez que eu venho num espaço que tenha esse memorial e até pensando esses conhecimentos que passado de geração para geração. Mas falar um pouquinho mais, né? Dessa importância, desse memorial.

MÃE KATIA: Ah, eu acho que isso é coisa do amor. Não tem como fazer um memorial se tu não está ligado... É o teu coração cheio de amor e de gratidão por tudo que tu recebeu, tudo que tu aprendeu, né? A vossa Sofia foi uma pessoa incrível assim, sabe? Não só para mim. Mas assim a

comunidade geral assim não tem quem ex filhos de Santo, por exemplo, da casa que falem um fio de cabelo da mãe de uma ou do contrário. Sim, histórias da vossa Sofia todo o mundo conta coisas milagrosas, sabe? E a Vó Sofia ela tinha... Eu dizia que ela era católica, que ela não era macumbeira, né? Que ela tinha um afinco da religiosidade tão intenso e ela transmitia isso. E o ensinamento dela, a dona Maria foi muitos anos cambona da avó Sofia, não é dona Maria? A dona Leni nem se fala, né? Mas quando a gente vinha cambonar o dia de atendimento aqui, um dia de benzimento da avó, ela não agendava. Não é nada assim, ó, era toda terça-feira, sei lá, estou aqui, não me lembro de qual era o dia Toda terça-feira, às terças.

CONVERSA PARALELA

MÃE KATIA: Então, assim ó: eu chegava às vezes aqui às 19h a 20h da noite do meu trabalho, ela ainda estava incorporada ali com a vó e eu dizia, “meu Deus, vai matar minha mãe que não sei o que” eu era a senhora revoltada assim. Mas eu acho que a minha mãe saía sempre com o coração de muita compaixão assim por esse trabalho, né? E se tu viesses, por exemplo, passar uma tarde aqui com ela, tinha de tudo assim, tinha horas que ela, ela me chamava, inclusive para interceder às vezes de algumas situações. Mas tu vinha e dizia assim, para a preta velha, “ai, fome, não sei o quê é... Eles estão para me demitir lá no meu serviço.” Daí ela fazia um ponto cabalístico para ti. E daí tu olhava aquele ponto cabalístico, “ah, fez para Xangô, Iansã para Oxóssi”, vamos supor. Ai tu fosses demitida, eu, cética, ficava pensando assim, como é que ela faz um ponto para um Santo desses e os Santos não fizeram nada para a pessoa, a pessoa foi demitida. Daqui a pouquinho, a pessoa vem “vó, eu recebi um emprego maravilhoso, muito melhor do que eu estava.” Daí tu diz, gente, que é isso, sabe? E daí tu passa anão compreender como é que esse sistema funciona. E daí, uma outra pessoa vem e diz, “ai, vó o meu marido está me enganando, não sei o que” Ela faz um ponto lá para Iansã, Oxóssi ou Xangô mas o desenho que ela fez foi diferente que ela fez para ti, mas é o mesmo Orixá. Aí que tu diz “gente, que é isso?” E daí a pessoa, “ai vó o meu marido ficou tão bom. Ele não tá mais saindo, não está mais não sei o quê, não está mais com a amante.” Daí disse, gente, que Orixá é esse? Como é que esse orixá está fazendo isso? O que que tem uma relação com a outra? E sabe, e daí eu fico é....Assim nessa observância e nessa análise para tentar criar uma síntese desse processo. Entende? Então a vó Sofia nos ensinou muito sobre isso, sobre o que às vezes não é um simbólico tão gigantesco, mas é aquele olhar que ela teve com a pessoa, com problema da pessoa e aquilo que é o olhar para a pessoa, sabe? Mas também tinha coisas, por exemplo, que tinha pessoas que vinham aqui “ah, vó, eu tenho namorado que ele não quer saber de mim que não sei o que e não sei o que”, daí a preta velha dizia: “Mas ele é casado, minha filha.” “Ah, mas não sei o que, não sei o que, está comigo há 10 anos, não sei o que faz alguma coisa.” Ela dizia chama a Babá. Vai me chamar pra mim, conversar com essa pessoa. Porque ela não aceitava em hipótese alguma fazer esse tipo de trabalho. Ela fazia o quê? Firmava o Anjo da guarda da menina, para que a menina se acalmasse, pudesse aceitar a verdade de Deus. Não era?

DESCONHECIDO: Teve uma moça, ela vinha se benzer aqui com ela e veio falar para ela para fazer para ela ter um filho do amante dela, que era casado, já tinha tudo com outra mulher. Aí a avó me chamou que eu estava atendendo ali, eu saí para conversar com a avó, aí ela me chamou e disse, “neta, ela veio pedir.” e disse assim, “ó, vó, não faz porque já tem mulher, tem filho, para que que ela quer? Ela vai arrumar outro solteiro.” Ela disse “isso mesmo, neta, eu vou fazer para ela melhorar. Parecia arrumar outro”

MÃE KATIA: Então ela tinha essa questão muito ética, sabe e daí tu mostra aí esse campo da espiritualidade, que a espiritualidade ética, né? E às vezes, nós, como seres humanos, muitas vezes a gente prioriza um desejo e nem sempre esse desejo é ético. Então ela fazia isso, daí ela firmava os Anjos da guarda da pessoa para a pessoa se iluminar, para rezar para o seu próprio Anjo Da Guarda, para sair dessa energia, sabe? E assim, a gente juntando as pessoas, né? Então, para mim foi assim, um aprendizado gigantesco com essa entidade.

DESCONHECIDO: Coisa que é importante também, aquelas coisas que falavam por nós sobre essa relação com a comunidade que a gente viu que foi o que o terreiro chegou bem antes de muitos moradores. E a própria Vovó trouxe, agregou esse valor para a comunidade. Então, como é dentro de uma região açoriana, de uma cultura açoriana, a gente sabe, sabe da cultura das benzedeiras que existiam aqui, ainda existem, né? A benção de uma preta velha incorporando, né? Em uma senhora branca, né? Mas e trazida a umbanda como referência para essa região do sul da ilha, né? Como é que tu enxergou isso? Como é que se processou?

MÃE KATIA: Aqui o terreiro da mãe foi o primeiro terreno aqui nessa região aqui, né? Tinha uma casa também de umbanda, que a menina na época, era mãe pequena, que tinha um pequeno congazinho também lá no interior do pedregal, que agora tem um centro karcedecista lá, que a Rosana hoje toca também, que é a filha da Rosana, de Obaluaê. E então quando ela chegou aqui, no início ninguém sabia o que é que era, nem como, né? Então quando ela foi fazendo esses benzimentos, ela começou a ajudar principalmente as mulheres. Porque aqui tinha muita gente que era policial. Não, a gente não vai falar mal do polícia. Mas é que os homens policiais eles têm... Eles têm um machismo muito imbuído neles, né? E, de certa forma, com uma certa violência. Então a gente via que na comunidade existia, as mulheres estavam muito aquém da situação delas e sempre eles numa situação de um determinado poder... Quase sei lá, posso dizer até que escravizava a própria mulher, né? De uma certa forma. Então, com o pessoal vindo e fazendo o seu desenvolvimento espiritual, ela foi ensinando, né? Desde higiene básica, quanto à questão de fazer, de dar limite na sua vida, como mulher para ser respeitada. Então essa esse foi o primeiro movimento que eu vi da minha mãe, né? Então pessoas que chegavam aqui, por exemplo, com o pé.. Eu acho que a senhora não estava aqui nessa época, mas a Dona Letinha estava sua tia ...É assim com o pé todo rachado, porque ficava muito descalço e trabalhando na roça e indo pescar, pegando berbigão, essa coisa assim, né? E não tinham aquele cuidado, né? E ela foi ensinando a pegar a Telha, a lixar o pé com a Telha, a passar banha de porco no pé. Assim ela foi ensinando as pessoas, as mulheres, né, a tomar consciência sobre o seu corpo, né? E depois ela foi passando a cuidar das pessoas, Giovanni, de como economizar em casa o sabão, a água, a luz, tudo para poder crescer. E nós temos uma pessoa aqui que é a Margaret, que é a tua afiliada, né? Ô Maria.. Não. A tua madrinha, Margaret de Iansã, que hoje está na casa do Pai Alexandre fez agora a obrigação dela de 21 anos, eu acho. Ela chegou a fazer mãe pequena aqui em casa. E ela começou bem do princípio, e ela falava pelos 4 cantos, que ela construiu uma casa muito boa, e ela morava num casebre, em quadradinho, 2 por 2 que a gente chegava lá, tinha que cuidar para não pisar numa madeira e cair tudo, né? E ela diz que a mãe ensinou a ela a economizar aquilo que ela já não tinha. E hoje ela tem uma casa, porque ela e o marido dela seguiu aquelas orientações que ela foram recebendo aqui em terreiro. Então foi assim que teve impacto, sabe? Sobre toda a comunidade, mas ela impactava as mulheres. E dos homens que

viam a questão dele estar se olhando, usando a espiritualidade deles para uma coisa boa para a família, trazendo a espiritualidade para dentro da própria casa, benzendo as pessoas dentro de casa, então, e isso foi atuando. Então como aqui tinha, não tinha quase nenhuma casa, era tudo mata o mangue, né? Então o centro da tapera era aqui, né Dona Lenira? Ela que sabe falar mais que ela nasceu aqui. Então, essa parte que a gente está da praia era aquela grande família, né? Então, assim, no meu olhar, a mãe Dilma e a avó Sofia, nesse, nesse amor, nessa Caridade deles, ajudaram nessa comunidade, nesse sentir o quanto eles podiam crescer, evoluir, inclusive materialmente falando, sabe? Isso foi tendo um movimento bem interessante. Todo mundo foi buscando a trabalhar fora, as mulheres, sair do lar para também trabalhar fora, sabe? Para também crescer, materialmente falando.

DESCONHECIDO: Foi para comunidade, não é? Foi uma comunidade que se envolveu e cresceu em torno do terreiro.

MÃE KATIA: Exatamente isso

DESCONHECIDO: Isso é bacana.

MÃE KATIA: Porque aqui não tinham essas casas do lado aqui, tinha aqui e o resto era tudo mato. A Dona Leta chegava aqui na porta da casa ali chamava, e se tu caminhava até lá dizia, “meu deus como é longe” mas só tinha assim, poucas casas. Como a gente gritava por outros já ouvia, já vinha. Às vezes tinha cobra andando aqui e eu gritava “socorro” e lá vinha o Seu Garcia, o filho da Dona Leta correndo para socorrer. Era assim. Então tinha bem poucas casas, assim, as casas começaram a crescer depois de 85 86, que começou a ter um desenvolvimento maior aqui na comunidade, né? Até então, era bem pouco...

DESCONHECIDO: A pergunta que eu queria te fazer que eu acho interessante é que tu assume a terceira geração, e isso para ti? O que é que isso representa? Até podes falar do ónus ou bônus desse peso, né? Entre aspas, esse é desafio? É esse desafio, por seres uma mulher, que quando tu assumiu, tu trabalhava, né? Então conta um pouquinho para nós sobre essa questão.

MÃE KATIA: Então... Não tem coisa mais difícil em toda essa minha vida do que ter ficado, ter aceitado ficar em frente dessa casa assim.. Acho que o Giovanni também, como herdou, sabe o quanto isso é difícil. Porque em primeiro lugar eu sinto esse excesso de comparação, sabe? Entre uma coisa e outra coisa. E quando tu carrega toda uma história que eu naturalmente considero importante a história. Não porque é da minha família, não, mas a história em geral, né? Se a gente não conhece o nosso passado, como que a gente vai planejar o nosso futuro? Eu tenho essa visão, como que eu não posso? Se eu negar o que foi do meu passado? Eu não terei futuro simplesmente assim. Então, para mim, a história já começa a ser pesada por aí, né? E daí, quando eu assumi a casa por que eu desejava ter assumido, né? Mas eu estava sempre numa posição de segunda pessoa, eu era a mãe pequena da casa. E quanto és a mãe pequena da casa, eu tenho refletido muito sobre isso ultimamente... Eu digo que a gente era muito Marta na história de Jesus, quando ele foi na casa de Lazáro, da Marta e de Maria Madalena, que a Marta se zangava, porque a Maria Madalena ficava ouvindo Jesus e não ia ajudar a fazer o almoço, a comida e botar a mesa. E a Marta estava sempre... E Jesus disse, “Marta, Marta, cada um escolhe o seu momento, né?” E eu era essa Marta, que estava sempre fazendo toda a parte logística, né? A mãe Dilma chegava, estava até o cabelinho aberto para ela poder fazer o que tinha que fazer. Assim, a

pessoa já estava lavada, limpa comida, já tinha virado Santo, já tinha feito o Santo dar seus gritos, seu que fosse, já tinha feito tudo. Então ela só chegava, naquela parte boa de ser Mãe de Santo, né? E essa transição eu não consegui largar, essa Marta, sabe? Para mim isso está sendo uma questão, porque tu precisas quando tem uma Casa Nova que começa a nascer uma Casa Nova. A pessoa, ela está ali, aqueles primeiros que estão vindo, eles já estão vindo e entrando no processo. E então quando a casa está iniciando, as pessoas que vão chegando automaticamente vão assumindo os papéis sociais dentro de uma Casa de Santo. E quanto estás pegando a coisa, o navio já está lá navegando e os marinheiros todos foram embora. E tu diz, “e agora como que vai fazer esse barco navegar, né?” E chega um, chega outro. Mas os que estão chegando não tem nenhuma experiência. E você tem uma casa que tem uma experiência, que tem uma egrégora e essa egrégora vai te colocando numa posição que agora está me vindo isso, sabe? Que horror está vindo agora... Que vai te pressionar pelas pessoas que estão vindo pedindo essa caridade, esse auxílio, essa ajuda, e daí tu olha e diz, como é que eu vou estar ajudando e não tem jeito para fazer um monte de coisa, né? Por exemplo, vai fazer um ebó numa pessoa, várias coisas que precisam ser feitas para fazer um ebó uma pessoa. E outro dia eu lamentei que eu não pude fazer um ebó de uma pessoa. E daí aquilo me deu assim, eu pedi. “Meu Orixá pelo amor de Deus ajuda essa pessoa, Seu Pantera corre, ajuda essa pessoa,” porque a minha parte eu não estou conseguindo fazer aqui. Então, eu acho que isso também é o mais difícil, sabe? De não ter, né? E também não saber, daí começar do zero, entende? Está meio que assim... Com a história, por exemplo, da venda daqui, me dá uma sensação que eu vou começar em algum lugar do zero. Mas é só a sensação, né? Mas eu sempre digo a prateleira de cima, eles são as pessoas que eles têm uma inteligência que a gente não alcança, essa inteligência espiritual, né? E às vezes a gente simplesmente tem que estar aberta para isso. E daí isso às vezes dá um certo pânico. E quando dá um pânico, daí tu já vai para o floral, tu já vai para o cristal, já vai para o banho de erva para poder respirar, né? Então eu estou em uma fase que eu estou precisando respirar. Já fui até fazer umas técnicas de amassar para aprender a respirar mais, para fazer um renascimento ou algo assim, porque de tempo em tempo isso precisa. E automaticamente eu me coloquei numa postura, por exemplo, de tudo bem, eu sei fazer porque eu sei, então eu vou continuar. E hoje eu vejo que não é isso, né? Que não é isso. Então o luto foi muito pequeno. Porque há luto, eu como filha, né? E para poder vim para esse cargo de assumir o papel, né?

Inaudível

MÃE KATIA: Tu estás no trono. Mas não é só se ver, sabe? É tu olhar o todo, né? E a morte da rainha de agora foi uma coisa interessante. Porque desde que ela assumiu o reinado, ela tinha muitos países que eram colônia que ela escravizava as pessoas e aos poucos ela foi evoluindo e aceitando a descolonização dos países, né? E quando é... E ela ainda não estava muito boa. Quando surgiu a Daiana, é esse que é o nome da princesa? Que deu um nó lá e ela era uma mulher popular, e ela começou a descobrir como é que uma mulher tão simples, que não tinha nada, era tão popular? E ela não conseguia chegar ao público e daí ela descobriu que ela precisava fazer isso. Então eu acho que essas quebras de paradigma, né? Então eu acho que essas quebra de paradigma que vai caindo. E hoje eu percebo que esse peso que eu sinto foi o que eu tive um pequeno luto. O luto de não permitir que fluísse rapidamente algumas coisas e eu reti com medo dele. Sabe? Então eu me percebo nesse movimento agora. Mas eu acho bem difícil, né? Porque é muito fácil, disse outro dia pro pessoal é muito fácil, é muito fácil ser Mãe de

Santo. Mas assumir o sacerdócio, não é. Porque tu também tem que olhar a logística. Tu também tens a responsabilidade da parte da manutenção, do dinheiro pra uma vela, para água, para luz, sabe? Pro IPTU tem todo uma parte jurídica do processo que envolve.

DESCONHECIDO: De uma casa como essa, um espaço sagrado, como é que fica essa questão no âmbito jurídico, porque a Katia é advogada, ta? E também na questão espiritual, caso tenha que sair daqui para outro local, é só bom finalizar nessa fala.

MÃE KATIA: Bem, quando aconteceu a morte da minha mãe? Tudo foi muito Fácil a nível de dos bens e tal, né? Porque aqui é uma propriedade que era do casal, né João Alfredo da dona Dilma Ana. E meu pai sempre foi muito generoso com a minha mãe com relação à vida de Santo, ele sempre ajudou da melhor forma e durante todos os anos da vida dele, ele manteve essa casa sim, sem a gente ter que cobrar mensalidades, nem nada disso, nunca foi cobrado, às vezes é o que fazia umas confusão, ele dizia, “não, todo mundo tem que colaborar, nem que seja 20 reais, 10 reais tem que colaborar.” E ele dizia, “palhaçada, tu vais estressar, eles não vão pagar e deixa que eu pago.” E assim era o jeito dele fazer, que era um apoio que ele tinha com a mãe sobre essa espiritualidade. Quando ele veio a falecer, daí o inventário já teve que ser mais acelerado, né? Então isso aqui ficou sendo não meu, né? Ficou sendo de outras pessoas também. E essas outras pessoas, de uma forma ou de outra, precisam de algum local para morar e et cetera. Então a gente optou para vender

MÃE KATIA: Bem, eu estou com meu coração assim, repleto de gratidão por vocês terem acolhido esse projeto, essa ideia para manter de uma forma ou de outra, a história em algum momento, né? Porque eu acho que quando chegar um futuro, os novos médiuns, compreender da onde que eles estão vindo e que existe algo muito maior, eles vão... Eu acredito na expansão da consciência, né? E quando a pessoa vê o que tem no passado, ela consegue expandir um pouco mais a sua consciência e de sair de uma determinada pequenez que a religião em si. E não é a religião AB ou C, mas as religiões fazem fechamento na cabeça das pessoas. Então eu acredito que quanto mais a gente conseguir passar o conhecimento através do museu ou da história de um objeto, a gente faz com que a pessoa ela dedique o amor da escuta, e ela consiga olhar que aquele espaço sagrado que ela está é de extremo valor, que não é só uma casa do pai de Santo foi fez um assentamento e ali está tudo muito bonitinho, sabe? Então eu sou muito grata por vocês, por isso. E eu quero concluir com uma coisa que aconteceu esse final de semana fantástico. Que é um menino que é aprendiz da UNEPAZ, ele no grupo que me botaram no grupo da turma dele, nem sei porquê, ele pedindo o auxílio para construção do centro espírita dele. Eu disse, “ah, eu tenho, não sei o quê...” Enfim, aquilo, viajei e tal. E ele veio esse domingo. Eu disse, “ó, eu cheguei aqui, pode vir.” E ele veio. Quando eu vi ele, e os dois filhos de Santo me tocou profundamente. Da simplicidade, da humildade que essas pessoas são e da construção que eles estão fazendo na casa de Santo deles. Esse m Podia ser menor, e assim, ó, eu me vejo no rancho, no rancho 3, que é o espaço dos homens. Vocês sabem o que que é o espaço dos homens, não é? Vocês sabem não é? É tudo uma bagunça, né? É cimento, rejunto, prego, martelo. É tudo jogado, esculhambado, bagunçado. Então nós fomos lá. Toda a vida que eu preciso fazer qualquer coisa para arrumar aqui, tem que se comprar uma saca de cimento. Eles levaram mais de 10 sacas de cimento, porque o pessoal ia lá, “cimento está duro”, e o menino que veio era pedreiro, ele disse, “não, a gente consegue” e eles estão fazendo uma casa simples. E eu disse para ele, “meu filho, você veio num lugar... Eu estou tão feliz, tão feliz, tão feliz, tão feliz. Porque vocês não precisam comprar lençol para de camarinha, porque eu tenho muitos. O que eu tenho meu, eu tenho da mãe, eu tenho de gente que deixou estar umbanda pela idade. Então sai do lençol para cá, e as toalhas

branca de Santo. Aqui virou um grande depósito de Monte de casa de Santo. Enfim, eu disse para vocês não precisem se preocupar com isso, nem com o cortina, nem com nada. A gente vai botar as coisas na tua casa. E isso para mim é aquela gratidão, que o universo está conspirando muita flor, né? Do meu orixá está respondendo aquilo que é para ser. Então é quando vocês vêm trazer isso aqui e saber que de repente uma ou outra imagem, que que é minha, pessoal, eu possa entregar nessa casa que está nascendo agora. E daí ele vai poder dizer, isso aqui veio da casa da Mãe Katia que veio da casa da Mãe Dilma, que era da casa da vó Ana,

DESCONHECIDO: Uhum

MÃE KATIA: Então ele ele vai também estar alicerçado numa egrégora de muito amor, de muita dedicação, né? E saber que os filhos dele que estão vindo de espaços, tão carentes e vão se sentir tão ricos, né? E hoje, já hoje está embora dizer quando é que nada termina, né?

JERUSE: E assim Orixá mostra para gente que nada termina

MÃE KATIA: Exatamente, tudo é um recomeço. E saber que desses meninos vão deitar com os Lençóis que eu deitei lá em 1983, 4, que tem lição da minha mãe de 82, que eles vão usar. Que eles não precisam de riqueza para poder deitar, eles vão poder usar porque está tudo limpinho, branquinho, guardado, com amor, não é? Então é isso que eu acho que é de importância, né? Que é isso que faz parte da história. E é o que nos agrega, né, gente? Obrigada. Gratidão imensa!